

PRODUÇÃO TEXTUAL MEDIADA PELA MÍDIA INFORMÁTICA¹

Mariza Perobelli²
Fabiane Sarmento Oliveira Fruet³

RESUMO

O computador e à Internet estão mais acessíveis a cada dia na sociedade e não há mais como deixar de utilizar esses recursos tecnológicos na educação e nem como educadores permanecerem alheios a essa realidade. A escola precisa estar aberta a essas mudanças e os professores estarem dispostos a inovar, implementando ações pedagógicas voltadas para o uso da informática como instrumento capaz de proporcionar um ambiente rico de aprendizagem. Em vista disso, neste artigo refletimos sobre a mediação do computador e da Internet na prática docente e relatamos três experiências escolares mediadas pela informática que envolveram a produção textual na disciplina de Língua Portuguesa. Com isso, esperamos potencializar integração da informática nos processos de ensino e aprendizagem escolar, bem como chamar a atenção para a importância do papel do professor nesses processos.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia Informática; Ensino-Aprendizagem; Produção textual.

ABSTRACT

Computer and Internet access are every day more available in the society and it is impossible to not use those technologies in education neither to educators to be unaware to this reality. Schools need to be open to new changes and teachers should be able to innovate, implementing pedagogical actions in order to use technologies as rich educational tools in this context. Based on this, in this article, we discuss the use of computer and Internet mediation into the teaching practice and we report three school experiences using technologies in the writing process of Portuguese language teaching in school. As a result, we hope that the integration of technologies into the processes of teaching and learning can be potentialized as well as the importance of teacher's role in these processes.

KEYWORDS: Media Computing, Teaching and Learning, Text production.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professora orientadora, especialista em Tecnologias da Informação e da Comunicação aplicadas à Educação (UFSM) e Mestre em Educação (UFSM).

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade do conhecimento e da comunicação de massas em que as diferentes mídias passaram a ter um papel fundamental também na educação. Assim, a escola precisa não só ensinar como usá-las, mas também utilizá-las efetivamente como recurso pedagógico.

Nesse sentido, a sociedade tecnologizada requer novos hábitos e uma nova gestão do conhecimento. Assim, é preciso também desenvolver metodologias de ensino e aprendizagem diferenciadas, para que se possa tornar o processo educacional mais próximo da realidade do aluno, de forma a motivá-lo a tecer novas redes de conhecimento. Nesse sentido, as mídias podem ajudar.

Entretanto, quando se trata de mídias e “novas” mídias, como a informática, dependendo da forma como vamos trabalhar, corremos o risco de atuar como meros reprodutores de vícios antigos. Por outro lado também não existem fórmulas mágicas nem prontas para a mediação das diferentes mídias no processo educacional. Esse é um desafio que o professor deve enfrentar cotidianamente, inclusive, em parceria com seus alunos.

Como o professor tem como missão preparar o aluno para viver no mundo, precisa rever suas práticas escolares, tendo consciência de que a aprendizagem deve ir além da simples transmissão do conhecimento. Dessa forma, quando se trata de recriarmos nossos métodos de trabalho, é imprescindível que levemos em conta em nossos planejamentos didáticos novos caminhos para ensinar e aprender, principalmente, quando se trata das mídias no âmbito escolar, de forma a rompermos com os paradigmas que nos prendem a um ensino muitas vezes ainda tradicional. Assim, as mídias poderão tornar-se uma poderosa ferramenta para nos auxiliar na construção de um ensino-aprendizagem de qualidade a que todos almejamos.

Nesse sentido, este trabalho aborda especificamente sobre a mídia informática, demonstrando as possibilidades de sua utilização nas aulas de Língua Portuguesa, ao mediar atividades de produção textual. Após a apresentação do computador e da internet como recursos pedagógicos, relatamos três atividades, exemplos que buscam solidificar e ampliar as oportunidades de utilização desses recursos na aprendizagem e oferecer aos docentes oportunidades de adequar seu

trabalho às novas maneiras de dinamizar e diversificar suas aulas. Depois, fazemos uma reflexão sobre essas atividades de produção textual.

Destacamos que essas três atividades foram selecionadas para demonstrar que as tecnologias presentes na escola podem, realmente, ser incorporadas na prática docente. Para isso, é necessário desmistificá-las e os professores analisarem as reais possibilidades de utilização dessas tecnologias, de forma a potencializar a prática pedagógica. Desse modo, elas poderão contribuir para uma aprendizagem significativa, atingindo, assim, o objetivo previsto.

2. O COMPUTADOR E A INTERNET COMO RECURSOS ESCOLAR

O início do uso da informática, na educação, dá-se na década de 1970, primeiramente, no setor administrativo das escolas. Mais tarde, na década de 1980, o governo passou a desenvolver grandes projetos com intuito de incentivar o uso de computadores também no contexto escolar. Assim, em 1997, criou-se, por exemplo, o PROINFO (Programa Nacional de Informática na Educação), através do qual foram distribuídos computadores nas escolas públicas de ensino fundamental e criaram-se os NTE (Núcleos de Tecnologias Educacionais), responsáveis pela formação de professores e técnicos, além da prestação de suporte técnico e pedagógico para as escolas. Já em 2007, o governo brasileiro criou um projeto denominado Um Computador por Aluno (UCA), com objetivo de distribuir computadores móveis para estudantes das escolas públicas (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008).

Enquanto os computadores passaram a fazer parte do contexto educacional brasileiro na década de 1980, a Internet⁴ – a maior rede de computadores do mundo, hoje com 50 milhões de usuários, iniciou na década de 1990. O termo Internet, reduzido de *Internetwork System*, consiste em redes de comunicação diferentes, interconectadas coletivamente, que, de acordo com Dizard (2000, p. 25), ainda “[...] será uma ‘tubulação de informação’, presente em todos os lugares e tão necessária quanto os atuais serviços de gás e eletricidade”.

⁴ Em 1987, após cerca de vinte anos de uso restrito a ambientes acadêmico e científico, a Internet teve o seu uso comercial liberado nos Estados Unidos. Já no Brasil, o início de seu uso comercial é datado em 1995, apesar de ter chegado ao país, no final da década de 1980.

Cabe destacar que, no âmbito da educação pública, em 2008 o programa do governo federal Banda Larga nas Escolas, previa que, ao final de 2010, 72,75% dos estabelecimentos municipais, estaduais e federais localizados em zona urbana no país estariam conectados. Nesse sentido, no final de 2010, segundo dados da Anatel divulgados na página da Câmara dos Deputados⁵, 91,6% do total de estabelecimentos estavam abrangidos pelo programa. Acordo entre Anatel e operadoras prevê a conexão de todas as 62,7 mil escolas públicas urbanas com mais de 50 alunos até o fim de 2011.

Por outro lado, um estudo realizado pela Fundação Victor Civita (FVC, 2009), em escolas das redes estadual e municipal de 12 capitais e do Distrito Federal, que procurou verificar a utilização dessa tecnologia, obteve os seguintes dados disponíveis na figura 1.

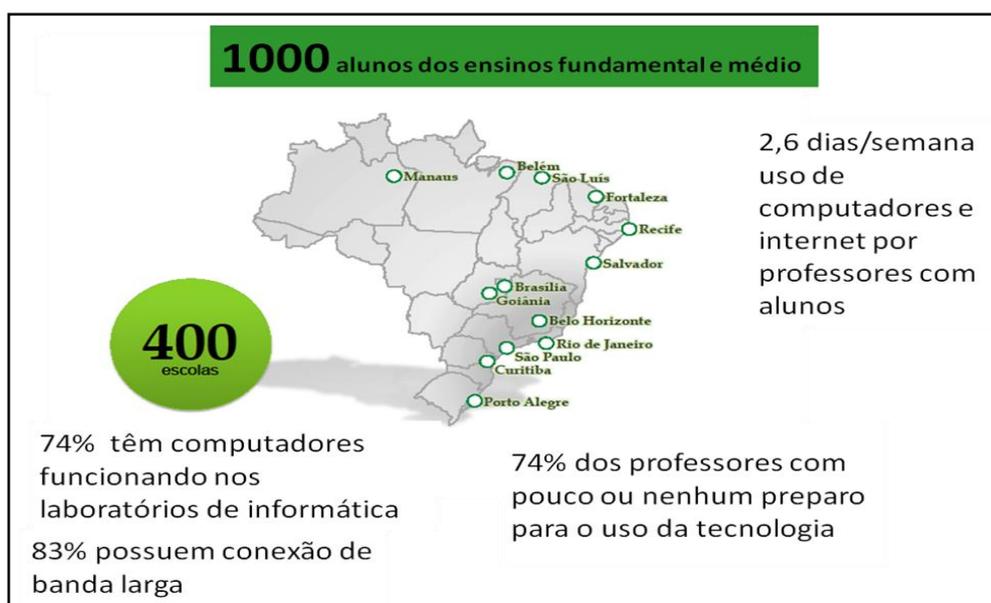


Figura 1 – Dados da pesquisa (adaptado de: <<http://www.fvc.org.br/pdf/estudo-computador-internet>>)

O resultado da pesquisa infelizmente demonstra, entre outras coisas, que poucos professores incorporaram à própria prática docente o computador e a internet. Quando isso se dá, essa integração sempre vem permeada de grandes inquietações e até inseguranças por parte de alguns deles. Até mesmo porque, na maioria dos casos, o aluno domina mais que eles essas tecnologias. Já outros até

⁵ Notícia publicada na página da Câmara dos Deputados em 28 de março de 2011, disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/194896-PLENARIO-PODE-INICIAR-HOJE-ANALISE-DO-PROJETO-SOBRE-BANDA-LARGA.html>>.

utilizam o computador, mas não como uma ferramenta pedagógica, e sim como mais um “aparelhinho” que serve para trabalhar o conteúdo de forma diferente.

Além disso, em muitos casos os computadores são utilizados para aulas que visam ensinar como manuseá-lo, ou seja, aulas meramente instrucionais. Entretanto, tal tecnologia nos impinge desafios maiores que isso.

Um aspecto que cabe destacar é que diferentemente de outros recursos como a televisão ou o rádio, o computador requer uma atitude ativa por parte do aluno, o que em muitos casos não está acontecendo. Isso obviamente também requer uma postura diferenciada do professor. Conforme salienta Moraes (1997, p. 17),

(...) é importante que o professor se conscientize de que não se muda de paradigma educacional apenas colocando uma nova roupagem, camuflando velhas teorias, pintando fachada da escola, colocando telas e telões na sala de aula, se o aluno continua na posição de mero expectador, de simples receptor, presenciador e copiador, e se os recursos tecnológicos pouco fazem para ampliar a cognição humana.

Valente (1998, p. 2), ao referir-se à informática na educação, destaca a “inserção do computador no processo de aprendizagem dos conteúdos curriculares de todos os níveis e modalidades de educação”, pontuando-o como uma ferramenta auxiliar do professor na promoção da aprendizagem do aluno. Nesse sentido, o professor possibilitará ao aluno aprender mediado pelas tecnologias.

O computador é uma máquina tão versátil que nos permite desenvolver inúmeras atividades escolares. Entre elas, podemos citar, por exemplo, as leituras de diferentes gêneros textuais ou mesmo de livros disponíveis em CDs ou a produção de textos também de diferentes gêneros, utilizando as diferentes ferramentas do editor de textos. Além disso, podemos realizar tarefas educacionais mediadas por *softwares* educacionais, jogos, gráficos e tabelas.

Conforme destaca Garcia e Abreu (2007, p. 6),

Cabe-nos viabilizar o uso do computador e das tecnologias a ele associadas, não apenas para produzir textos, fazer cálculos matemáticos, mas também, produzir páginas *web*, fazer um programa de rádio (*web* rádio com base nas mesmas estruturas tecnológicas de *web site*) produzir apresentações, *clips* musicais, filmes, peças teatrais, dentre outras atividades que possam vir a contribuir com o desenvolvimento pessoal ou de uma comunidade como um todo.

Já a Internet nos possibilita localizar informações em diferentes áreas do conhecimento, através de pesquisas ilimitadas nos mais diferentes *sites*. Inúmeras informações podem ser acessadas de maneira rápida que, dificilmente, o aluno teria à sua disposição nas bibliotecas da escola. Também são possíveis as interações sociais através de *sites* de relacionamento como, por exemplo, o *Orkut*, o *Twitter* e o *My Space* ou programas de mensagens instantâneas como o *Messenger*, sem limites de espaço e que proporcionam novas formas de comunicação. A partir delas, o aluno poderá construir pontes entre o seu conhecimento e o do seu interlocutor, permitindo, assim, que a aprendizagem ocorra também no espaço virtual através da troca de informações simultâneas, de forma interativa.

Além disso, existem recursos dirigidos à investigação, como as ⁶*WebQuests*, ou os mapas conceituais, que auxiliam na ordenação e na sequenciação hierarquizada dos conteúdos de ensino, de forma a potencializar a aprendizagem do aluno. Outros recursos são os ⁷*blogs*, ⁸*photoblogs* e ⁹*podcasts* que além de possibilitar o trabalho com esses novos gêneros, viabilizam a produção colaborativa entre escolas, alunos e professores.

A Internet também nos oferece outras possibilidades, como, por exemplo, organizar grupos de trabalhos com alunos separados geograficamente para pesquisas ou discussões de temas que tenham em comum. O aluno pode, por meio de participações em *chats* ou fóruns de discussão, posicionar-se, expondo ideias ou opiniões, de forma interativa, síncrona ou assincronamente, aprendendo a respeitar diferentes posicionamentos. É uma forma de ampliar o espaço da sala de aula, pois dessa forma, ele não fica restrito a “quatro paredes”. É possível também a leitura de jornais e revistas *online*, ampliando o espaço da leitura no seu dia a dia.

⁶ *WebQuest*: investigação orientada na qual algumas ou todas as informações com as quais os aprendizes interagem são originadas de recursos da Internet. (DODGE, 1995, p. 9).

⁷ *Blog*: diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede (MARCUSCHI, 2004, p. 61).

⁸ *Fotolog*: *site* que permite o armazenamento e o compartilhamento de fotos. (GONÇALVES, 2010, p. 171).

⁹ *Podcast*: modo de difusão de emissões de rádio. Através de subscrição de um “feed RSS”, e com a ajuda de um programa específico, pode-se descarregar automaticamente para o computador ou o iPod as emissões de rádio previamente selecionadas e de seguida transferi-las para um leitor de ficheiros MP3 e serem ouvidas onde e quando o utilizador pretender. (MOURA; CARVALHO, 2006, p. 88-89).

Enfim, a mídia informática oferece muitas possibilidades para potencializar o processo de ensino e aprendizagem. Cabe ao professor conhecer essa tecnologia, ser curioso, criativo, pesquisador, pautando a prática docente na construção do conhecimento. Basta que esteja mobilizado a assumir o seu papel de mediador nesta prática e não um mero transmissor de informações.

No entanto, é importante destacar que a Internet e o computador na educação, bem como outras mídias, não nos oferecem soluções imediatas e milagrosas. Elas aí estão apenas para viabilizarem novas formas de apreensão do conhecimento. Conforme destacam Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 12), elas “permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância”. Desse modo, acreditamos ser fundamental o desenvolvimento de atividades escolares mediadas pelas mídias, como a informática, que instiguem o aluno a resolver problemas, a fim de que possa aplicar o conhecimento aprendido em novas situações do dia a dia.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIAS: PRODUÇÃO TEXTUAL E MÍDIA INFORMÁTICA

Sabemos que as tecnologias já estão inseridas à vida em sociedade, então, é preciso também integrá-las ao meio escolar, buscando superar a resistência ao seu uso, seja por medo, comodismo ou desconhecimento das possibilidades que elas oferecem. Com o relato destas três experiências de produção textual mediada pela mídia informática, buscamos mostrar um caminho viável. Ou seja, o do professor que, diante dos recursos tecnológicos, elabora atividades pedagógicas para aplicação desses recursos, criando estratégias flexíveis e adequadas, analisando os fundamentos dessa prática e as suas consequências para os alunos.

Desenvolvemos essas atividades no laboratório de informática de duas escolas de São Borja, RS, nas aulas de Língua Portuguesa. Na Escola Estadual de Ensino Médio Tricentenário, no primeiro e segundo trimestres de 2008, os alunos da 8ª série do ensino fundamental produziram uma narrativa. Já no Colégio Sagrado Coração de Jesus (CSCJ), no primeiro semestre de 2006, com alunos do 1º ano do ensino médio produziram uma entrevista e os alunos do 2º ano do ensino médio, uma reportagem.

Cabe destacar que outras mídias também foram utilizadas para o desenvolvimento de tais atividades – como a mídia impressa. Entretanto, o foco deste trabalho foi a mídia informática, ou seja, apresentar experiências de produção textual mediadas pelo computador.

Com a proposição dessas atividades, demonstramos que é possível o professor integrar as tecnologias na escola por meio de novas metodologias e também apropriar-se delas, para utilizá-las de maneira significativa em sala de aula. Assim, pretendemos com esses relatos promover um repensar dos professores acerca da importância de se trabalhar com projetos de aprendizagem em ambientes informatizados, e a reflexão sobre qual é o seu papel dentro dessa nova dinâmica.

3.1 Produção textual 1: Contos

A primeira atividade que propusemos envolve a produção de texto e foi desenvolvida no laboratório de informática da Escola Estadual de Ensino Médio Tricentenário, em São Borja, RS. Ela fazia parte do Projeto “Meu Primeiro Livro”, de nossa autoria, desenvolvido desde o ano 2002 nesta escola. Tendo em vista a necessidade de a aprendizagem ocorrer a partir de um contexto definido, nosso projeto objetiva oportunizar ao aluno um contato direto com a língua materna, valorizando a clareza e a lógica na exposição de suas ideias, e estimular o gosto pela leitura.

Assim, orientamos os alunos a, em duplas, criarem seis contos a partir dos seis excertos abaixo que previamente selecionamos e entregamos a eles em sala de aula. Após a leitura de cada excerto, fizemos sugestões sobre as possibilidades de criação a partir de cada um deles e enfatizamos que deveriam fazer parte da introdução, do desenvolvimento ou da conclusão dos textos criados pelos alunos.

EXCERTO 1: Eram mais ou menos duas horas da madrugada, quando a porta se abriu e uma lufada de vento entrou pela sala, espalhando os papéis que estavam sobre a mesa. Atrás do vento entrou um homem horrível, com cara de macaco, orelhas grandes e cabeludas. Seu olhar era de faminto e sua expressão era a de um louco. Imenso, deu dois passos em direção ao dono e, estendendo a mão enorme, disse com voz rouca:

- Eu quero comer.

EXCERTO 2: Morador de uma cidade grande, João Brasileiro engole diariamente a fumaça lançada no ar por automóveis e fábricas. Tossindo de raiva, acende o último cigarro e joga o maço pela janela do carro. No

domingo de sol, leva os filhos a passear no parque e compra sorvetes para o garoto.

EXCERTO 3: A velhinha que mora ao lado é dona de um pequeno estabelecimento comercial, carinhosamente denominado de “Lojinha”. De manhã ela desce a avenida: chova ou faça sol ela empunha o seu guarda-chuva de bolinhas.

EXCERTO 4: Pensei muito em você nesses últimos dias. Lembrei de como a gente se sentava na calçada, de tarde, e ficava esperando todas as lojas baixarem as portas. Era bom aquele tempo, não era? A gente não precisava de mais nada a não ser riscar a amarelinha no chão e ficar ali, até mamãe nos chamar para o jantar.

EXCERTO 5: Meu Deus! Que tempo é esse em que falar de flores é quase um crime?

EXCERTO 6: Entendo que para contar é necessariamente primeiro construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na esquerda coloca-se um pescador; e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever; traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer. (CAMPEDELLI e SOUZA, 1998, p. 103)

Após a apresentação dessa proposta às turmas, o trabalho foi desenvolvido em várias etapas ao longo do primeiro trimestre de 2008. Primeiramente, as duplas criavam os contos no laboratório de informática, diretamente nos computadores. Durante a atividade, tinham o nosso acompanhamento, sugeríamos alterações ou correções nos textos, procurando despertar-lhes o interesse em aprimorar cada vez mais seus trabalhos, uma vez que todos seriam compilados em um livro. Observamos o interesse dos alunos em realizar a atividade escolar, pois havia um sentido para que eles produzissem os contos, a publicação de um livro com eles.

Numa segunda etapa, os seis contos criados pelas duplas foram formatados por elas com o mesmo tipo, tamanho e cor de fonte, alinhamento de texto, parágrafo, espaçamento entre linhas, entre outros, de forma a ficarem padronizados. À medida que os textos de cada dupla ficavam prontos, eram organizados em seis arquivos, de acordo com cada um dos seis excertos previamente distribuídos e que deveriam servir de base para os textos criados pelas duplas.

Esses seis excertos também foram utilizados para introduzir cada uma das seis partes em que o livro foi dividido. Ou seja, na primeira parte, colocou-se o excerto 1 em uma página e, nas páginas seguintes, seguiam os textos produzidos pelas duplas em que constavam tal excerto. Assim se organizou sucessivamente as outras cinco partes da obra. Isso foi feito com os trabalhos das duas turmas.

Concomitantemente a essa atividade, os alunos organizaram o índice do livro, confeccionou-se a capa e suas demais partes com a colaboração dos alunos. Após

todas essas etapas, imprimimos o primeiro livro, que foi encadernado a partir de material disponibilizado pela direção da escola.

Cabe destacar também que esse livro foi reproduzido para cada aluno, organizamos uma “Noite de autógrafos”, quando eles puderam apresentar o trabalho para seus familiares e convidados. Também alguns exemplares foram disponibilizados na biblioteca da escola. A seguir, a capa do livro e um dos textos que compuseram o livro, escrito por duas alunas a partir do excerto 1.



Figura 2 – Capa do livro elaborado pelos alunos

Um lobo diferente

Eram mais ou menos duas horas da madrugada, quando a porta abriu e uma lufada de vento entrou pela sala, espalhando os papéis que estavam sobre a mesa. Atrás do vento entrou um homem horrível, com cara de macaco, orelhas grandes e cabeludas. Seu olhar era de faminto e sua expressão era de um louco. Imenso, deu dois passos em direção ao dono e, estendendo a mão enorme, disse com voz rouca:

- Eu quero comer!

A horrível criatura, que mais parecia um lobo do que um homem com cara de macaco, assustou as crianças que brincavam na sala e que passaram a gritar, apavoradas de medo:

- Socorro, socorro, ele quer nos comer!

E com cara de espanto, apavorado com os gritos das crianças, o cara de lobo disse com um ar de superior:

- Nada disso, vocês acham mesmo que eu, um lobo de classe, que vem de várias histórias clássicas vou querer comer crianças? E a minha reputação, onde fica? Ora! O que dirão depois? Que eu, o Lobo-Mau, estou comendo crianças indefesas, e fora dos clássicos ainda! As crianças então lhe perguntaram:

- O que o senhor quer então, se não é nos pegar?

O lobo, rindo, respondeu:

- Estou com fome sim, mas só como carne de primeira de açougue, que assim eu não preciso me sujar e nem ouvir choro de crianças. E a propósito, onde fica o açougue?

Mais aliviadas, as crianças responderam:

- É no outro quarteirão!

O lobo, envergonhado, despediu-se, pediu desculpas e se retirou, deixando as crianças rindo da situação, elas pensaram que o tal lobo era uma má criatura, mas ele só estava em busca de um açougue.

Figura 3 – Texto que compõe o livro

Nessa atividade, percebemos a importância do trabalho em equipe, de maneira colaborativa. Os alunos aprenderam a compartilhar as ideias, a ouvir e aceitar a opinião dos colegas, sendo instigados à colaboração e à reflexão. Nesse sentido, os PCN (1997, p. 51) destacam entre os procedimentos didáticos para implementar uma prática continuada de produção de textos na escola

propor situações de produção de textos, em pequenos grupos, nas quais os alunos compartilhem as atividades, embora realizando diferentes tarefas: produzir propriamente, grafar e revisar. Essa é uma estratégia didática bastante produtiva porque permite que as dificuldades inerentes à exigência de coordenar muitos aspectos ao mesmo tempo sejam divididas entre os alunos. Eles podem, momentaneamente, dedicar-se a uma tarefa mais específica enquanto os outros cuidam das demais. São situações em que um aluno produz e dita a outro, que escreve, enquanto um terceiro revisa, por exemplo.

Por meio dessa atividade, também podemos salienta a questão da revisão do texto, atividade para a qual os alunos foram constantemente incentivados, tendo em vista que seriam publicados em um livro. Conforme os PCN (1997, p. 52), a revisão textual

(...) assume um papel fundamental na prática de produção. É preciso ser sistematicamente ensinada, de modo que, cada vez mais, assum a sua real função: monitorar todo o processo de produção textual desde o planejamento, de tal maneira que o escritor possa coordenar eficientemente os papéis de produtor, leitor e avaliador do seu próprio texto.

Além disso, a realização da atividade no ambiente proposto, o laboratório de informática, também foi um aspecto importante, uma vez que se observou o envolvimento dos alunos. Eles se sentiam importantes por estarem ali, em frente ao computador, criando e digitando textos tal como escritores. Também, percebemos que, no momento em que eles precisavam se deslocar para esse ambiente, havia uma quebra da rotina escolar e isso foi muito valorizado pelos alunos. Para eles, estar no laboratório significava não estar na sala de aula.

A tarefa nesse ambiente, mediada pelo computador, também facilitou muito o trabalho de criação e de recriação, pois isso permitiu ao aluno digitar o texto e, se necessário, apagar o que não estava satisfatório, recortar trechos, colá-los em outro lugar no texto. Enfim, o computador tornou a tarefa mais fácil do que se isso fosse feito manualmente no caderno, o que poderia levar a um desinteresse pelo trabalho. Isso porque a tarefa de escrever no caderno, apagar algo que não se tenha gostado para reescrever, querer trocar um parágrafo de lugar ou corrigir uma palavra ou um trecho certamente despenderia muito mais tempo. Ou seja, a criação de textos em um ambiente mediado pelo computador tornou o processo como um todo foi mais ágil e, por sua vez, isso também serviu como um aspecto que facilitou o envolvimento dos alunos na atividade.

Durante o desenvolvimento da atividade, também foram enfatizados os aspectos importantes em relação ao gênero que estava sendo trabalhado: o conto. Os alunos foram orientados no sentido de que o mais importante nesse gênero é a história (enredo), pois sem ela não há um caso. Tem-se a ação, que ocorre no tempo e é feita por personagens em um determinado meio onde vivem e que alguém conta essa história (foco narrativo). Também foram destacados os dois recursos

expressivos presentes nesse gênero, os quais são os discursos (direto e indireto) e a pontuação.

3.2 Produção textual 2: Entrevista

O segundo trabalho que propusemos aos alunos foi realizado no laboratório de informática do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em São Borja, RS, e também envolvendo a produção de texto, só que do gênero entrevista. Ele teve como ponto de partida a análise da entrevista das páginas amarelas da revista *Veja*, na versão impressa. Primeiramente, em sala de aula, orientamos os alunos a observarem as características desse gênero textual, tais como título, texto de apresentação do entrevistado e do assunto tratado, os recursos gráficos utilizados, entre outros. Enfatizamos também que na passagem da linguagem oral para a escrita ocorrem alterações nas falas originais, já que as marcas da oralidade não podem aparecer no texto.

Após essa análise, desafiamos os alunos a produzir uma entrevista. O trabalho fez parte do projeto “CSCJ¹⁰ mostra a sua cara e reconhece sua terra”, desenvolvido ao longo do ano de 2006, que tinha como objetivo valorizar os artistas são-borjenses bem como eventos realizados na cidade. Como responsável pela disciplina de Língua Portuguesa, participamos com a apresentação de entrevistas com artistas do município realizadas pelos alunos do primeiro ano do ensino médio. O objetivo era que os alunos produzissem textos com clareza, coerência, coesão e sequência lógica, transmitindo organizadamente fatos, de forma a contemplar uma comunicação eficiente.

Para isso, foram organizadas duplas escolhidas por eles mesmos. Antes de partirem para as entrevistas, supervisionamos os alunos na atividade de elaboração das perguntas que fariam aos entrevistados, bem como na forma como buscariam informações sobre quem eram essas pessoas, como agendariam horário das entrevistas, dividiriam tarefas.

Após essa parte prática e já com os dados coletados, as duplas foram para o laboratório de informática para produzirem os textos diretamente no computador. Foi determinado previamente em sala de aula que todas as entrevistas deveriam iniciar

¹⁰ Colégio Sagrado Coração de Jesus, em São Borja-RS

com uma introdução apresentando o entrevistado, antes das perguntas e respostas, como eles verificaram no modelo da revista *Veja*. Já no laboratório de informática, eles puderam acessar revistas *online*, para que observassem a formatação de seus textos e se inspirassem para a formatação de suas entrevistas. Entretanto, estipulamos que todos os trabalhos deveriam ser formatados e organizados em colunas, além de ter uma foto digitalizada relacionada ao tema da entrevista ou mesmo do entrevistado. Supervisionamos essa atividade e a avaliação do trabalho envolveu a observação da participação dos alunos em todas as suas etapas de preparação, bem como do trabalho final, a entrevista impressa.

Verificamos que a realização dessa atividade mediada pelo computador tornou a tarefa mais atraente para os alunos principalmente por três motivos. Primeiro, porque a tarefa foi realizada em um ambiente que não o da sala de aula. Segundo, porque os alunos sentiam-se como os próprios repórteres de uma revista ou jornal trabalhando na produção e edição de suas entrevistas. Por fim, porque a atividade mediada pelo computador tornou a tarefa mais ágil do que se fosse feita manualmente, no caderno, em sala de aula, tendo em vista a utilização das ferramentas de um editor de texto.

Nesse trabalho, destacamos que além do desenvolvimento da competência em relação à produção desse gênero textual, os alunos também desenvolveram outras habilidades, principalmente no que diz respeito à capacidade de organização, trabalho em equipe, desenvoltura e responsabilidade. Ou seja, eles precisaram entrar em contato com os entrevistados, explicar a atividade, agendar a entrevista, entrevistar os artistas, fazendo anotações de forma organizada. Enfim, conforme destacam os PCN (1997, p. 94)

(...) a opção por uma metodologia que considera a atividade do aluno na construção de seus próprios conhecimentos, valoriza suas experiências, seus conhecimentos prévios e a interação professor-aluno e aluno-aluno, buscando essencialmente, a passagem progressiva de situações dirigidas por outrem a situações dirigidas pelo próprio aluno.

A seguir, um dos trabalhos, realizado por duas alunas.

São Borja, terra de grandes artistas
"Arte é linda, ela faz bem ao coração e à alma. Ela acalma e mantém a mente ocupada. Além disso, a gente não vê o tempo passar. Só na mistura das cores, você aprende muito".
 Por: Taline Ariel Kubaski e Mariana Luchese

Marly
 Cabeleira Alvarez, artista plástica, tem 66 anos, nasceu aqui em São Borja e depois de anos na política, tornou-se um ícone das artes plásticas na cidade. Tem participado ativamente de cursos e exposições aqui e em grandes cidades, como Porto Alegre.



Ariel e Mariana – Quais eram seus interesses profissionais, antes de começar com esse trabalho?
Marly A. – Como fui vereadora e meu marido muitos anos foi prefeito, me dediquei a ajudar na assistência social, trabalhando em prol dos carentes e mais necessitados.

A e M - Você acha que as pessoas têm se interessado mais pelas artes?
M A – Com certeza, hoje todo mundo se dedica a trabalhos manuais, da pintura à escultura, em madeira, ferro, argila, vime e tecido. São raras as pessoas que não têm uma atividade

A e M - Você tem algum projeto para agora?
M A – Agora que tenho tempo, estou sempre me aperfeiçoando e participando de cursos em Porto Alegre, inclusive com professores de São Paulo.

A e M – O que mais poderia ter em São Borja, relacionado à arte?
M A – Os pintores de São Borja precisam ser mais valorizados, deveria ter uma casa de cultura, com professores nas diversas áreas. Seria o ideal.

A e M – Você tem um grande marco na sua carreira?
M A – As exposições que fiz em Porto Alegre, na Assembléia Legislativa e na Casa de Cultura Mário Quintana.

A e M – Na sua área tem uma técnica especial que você utiliza?
M A. – Eu faço uma pintura acadêmica.

A e M – Quais são os materiais que você utiliza?
M A – Pinto em tela, com tinta a óleo e acrílica.

A e M – Com que idade começou seu interesse nas artes plásticas?
M A – Desde solteira, mas aqui nós não tínhamos professores, os filhos eram pequenos. Agora a missão está cumprida e posso dedicar mais tempo à arte.

A e M – O que fez você optar por essa área?
M A – A arte é linda, ela faz bem ao coração e à alma. Ela acalma e mantém a mente ocupada. Além disso, a gente não vê o tempo passar. Só na mistura das cores, você aprende muito.

Figura 4 – Entrevista produzida pelos alunos

3.3 Produção textual 3: Reportagem

A terceira atividade que propusemos foi desenvolvida no laboratório de informática do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em São Borja, RS, e foi realizada em duplas formadas pelos próprios alunos, por proximidade. O trabalho teve como ponto de partida um estudo de texto proposto no livro Português: Linguagens, volume 2, (2004), de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, cujo título é A hora da escolha, reprodução de uma reportagem publicada na edição especial da revista Veja Jovem, número 32.

Primeiramente, através de levantamento oral, estabelecemos as características do gênero. A seguir, os alunos receberam um material impresso com os passos para se produzir uma reportagem. Após análise desse material, propusemos o desafio de produzirem uma reportagem dentro da temática do projeto da escola daquele ano.

Nesse sentido, ficou estabelecido com os alunos que eles levantariam informações sobre eventos de São Borja como Festa do Padroeiro, Penca do Arroz, Festa dos Navegantes, Ronda de São Pedro, Festival da Barranca. Cada dupla entrou em consenso na hora de dividir os eventos entre eles.

Ficou determinado também que eles deveriam procurar informações sobre cada tema fora do horário de aula, através de pesquisa na internet e entrevistas com os organizadores dos eventos. Estabelecemos um prazo para a coleta de material e agendamos o laboratório de informática da escola para a produção da reportagem diretamente no computador.

Quanto à formatação, as duplas puderam acessar *sites* de revistas *online* para se inspirarem no planejamento do aspecto visual de sua reportagem. Entretanto, determinamos previamente que todas deveriam ser formatadas em colunas, ter *boxes* informativos, fotografias e entrevistas. Para isso, tinham à disposição as ferramentas de um editor de textos.

Essa atividade transcorreu ao longo de três períodos de aula, com o nosso acompanhamento, sugeríamos alterações no texto e fazia correções, quando necessário. Nesse sentido, trabalhávamos como mediadora na construção do conhecimento. Conforme destaca Veiga (2001, p. 2)

É preciso evoluir para se progredir, e a aplicação da informática desenvolve os assuntos com metodologia alternativa, o que muitas vezes auxilia o processo de aprendizagem. O papel então dos professores não é apenas o de transmitir informações, é o de facilitador, mediador da construção do conhecimento. Então, o computador passa a ser o 'aliado' do professor na aprendizagem, propiciando transformações no ambiente de aprender e questionando as formas de ensinar.

Ao final, os alunos entregaram o material impresso e este foi compilado em uma espécie de revista, juntamente com as entrevistas (item 3.2), para que todos tivessem acesso aos trabalhos produzidos pelos colegas.

Sem dúvida tudo isso salienta os aspectos positivos do uso de tecnologias educacionais em atividades como as propostas. Usar o computador como mediador

na produção textual fez com que os alunos considerassem a atividade da escrita divertida e, ao mesmo tempo, desafiadora. Nesse sentido, a utilização da informática nessa como nas demais atividades destacou, conforme Candau (1989, p. 13)

Uma nova configuração do processo de ensino aprendizagem capaz de integrar articuladamente, processo e produto, dimensão intelectual e afetiva, objetividade e subjetividade, assimilação de conhecimentos e construção criativa, compromisso com o saber e a questão do poder na escola, dimensão lógica e psicológica, aspectos gerais e específicos da aprendizagem, dimensão política e técnica da prática pedagógica, função de ensino e de socialização da escola, fins da educação, meios e estratégias.

A atividade que propusemos para os alunos, além da construção do conhecimento em relação ao gênero reportagem, perpassou também sobre um aspecto importante, que é a valorização da cultura local. Através do projeto da escola, “CSCJ mostra a sua cara e reconhece a sua terra”, os alunos passaram a conhecer mais profundamente os eventos do município e, a partir desse conhecimento, a valorizá-los, principalmente porque construíram esse conhecimento. Nesse sentido, Demo (1992, p. 36), destaca que professor precisa desenvolver em seus alunos habilidades como,

[...] a capacidade propedêutica, definida como competência em construir condições adequadas do aprender a aprender, do saber pensar, de pesquisar, de teorizar a prática, de atualizar-se constantemente. Trata-se de habilidade tipicamente metodologicoinstrumental, de domínio de meios e métodos, para ele poder produzir conhecimento com a devida destreza, capacitando-se, assim a construir com a criança o mesmo ambiente produtivo, construtivo, participativo.

A seguir, um trabalho produzido por duas alunas, cujo tema é um dos eventos religiosos do município de São Borja, RS.

Ritual profano ou religioso?

Procissão de São Joãozinho Batista realizada em julho traz muitos devotos.

Juliana Donato & Pamela do Canto

Todo ano, na noite do dia 23 de junho, véspera de seu dia oficial é realizada a procissão de São Joãozinho Batista. Segundo relatos populares, pelo menos há cinquenta anos ocorre esse ritual festivo. A organizadora do evento é Maria Martina dos Santos, 45.

Segundo o relato de D. Martina, um moço são-borjense teria seguido com as tropas brasileiras para a guerra contra o Paraguai. Filho único de uma viúva, esta passou a sofrer profundamente sua falta, seja pelo motivo material de haver perdido o arrimo da casa, seja pelo lado espiritual e íntimo da solidão e da saudade. Fez a pobre mulher, então, uma promessa a São João, santo de sua devoção: se o filho voltasse "inteiro" da guerra, todos os anos festejaria o santo, reunindo pessoas para rezar e cantar em seu louvor e oferecendo, na medida de suas posses uma mesa de alimentos livres e doces às crianças de sua rua e proximidades. Foram atendidos seus rogos, São João ouviu a promessa. E o filho voltou com saúde a casa, e trazia consigo uma estatuazinha de madeira, exatamente de São Joãozinho Batista.

A partir de então, por volta de 1879, essa mulher passou a festejar São João em sua casa. Porém, ainda não se sabe por que o santinho de madeira

passou a ser banhado em água de lagoa. Notícias mais remotas dão conta de que o santinho em seu ardor, após sair da casa da festeira, era conduzido pela parte central da cidade para ser banhado numa das etapas mais singulares da procissão, ou seja, em uma lagoa.

Na década de cinquenta a procissão deixou de dirigir-se à lagoa tradicional, passou então a levar e banhar o santinho na fonte de São João. Essa mudança ocorreu porque um dos párocos da igreja matriz, onde a

procissão chegava para receber uma espécie de bênção, negociou uma vez a fazê-lo, por considerar o ritual profano os cânones do catolicismo. Hoje a procissão passa por uma lateral à igreja e é paralela à face leste da praça principal. Porém, os fiéis apenas lembram, com

alguma saudade, do tempo em que o santinho era levado da matriz para o vigário dar a bênção.

Das festeiras mais antigas temos Cecília de Leodora, sucedida por sua filha Ercília, Margarida Rocha. Hoje temos Martina filha de adoção da última, mantém a responsabilidade do cerimonial. Ela é a única de pele branca entre as festeiras que se conheceu. Ficou residindo na mesma casinha simples onde viveu Margarida.

"Se o filho voltasse "inteiro" da guerra, todos os anos festejaria o santo."

Figura 5 – Reportagem produzida pelos alunos (1ª parte)



A casa onde morou a festeira Margarida Rocha.



Procissão de São Joãozinho Batista

Depoimentos de pessoas que participam da procissão:

"Sou devota de São João desde que curou e uma doença".

Maria Diamantina de Freitas, 50, dona de casa.

"Sempre participei da procissão, mas não com muito entusiasmo, porém, um dia estava passando por um sério problema e fiz uma promessa a São João, e se ele me ajuda-se a resolve-lo, entregaria totalmente minha alma a ele".

Manuel Ferreira, 57, pedreiro.

"Sou muito devota a São João, sempre me ajudou quando precisei".

Maria Antônia Vepo, 49, dona de casa.

"Sempre acreditei em São João, minha família toda participa da procissão, para mim o dia 23 de junho é maravilhoso, me sinto extremamente bem, depois que faço minhas orações".

Jussara dos Santos, 34, professora.

Figura 6 – Reportagem produzida pelos alunos (2ª parte)

4. REFLEXÃO SOBRE AS ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Em relação à produção textual, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), destacam que esta objetiva formar escritores competentes que sejam capazes de “produzir textos escritos, coesos e coerentes” (2000, p. 125). Para que isso aconteça, é preciso uma prática continuada dessa atividade e que sejam oferecidas situações que possibilitem ao aluno a produção de variados gêneros textuais, que, de acordo com Marcuschi (2002, p. 29), constituem “tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana”.

Em termos de produção textual, destacamos uma ferramenta extremamente versátil, o computador, uma vez que o texto pode ser redigido, corrigido, melhorado facilmente e essa manipulação muitas vezes encoraja a produção de textos mais extensos do que se fossem utilizados lápis e papel. Isso também facilita uma tarefa não muito grata para os alunos, a reescrita dos textos. Além disso, nas palavras de Tajra (2000, p. 182), “a produção de textos através do computador é um componente consolidador do conhecimento capaz de estimular a leitura e escrita (...)”.

No decorrer das três atividades de produção textual, exploramos não apenas as características de cada gênero (conto, reportagem e entrevista), mas também quem escreve esse gênero discursivo? Com que finalidade? Onde? Quando? Como? Com base em que informações? Quem lê esse gênero? Como o gênero surgiu? Onde circula? Enfim, questões que levariam os estudantes a refletir sobre as condições de produção dos gêneros e que os levaria a ter parâmetros para o que escreveriam posteriormente, para não tratar esses gêneros como conteúdos em si, mas sim para ensiná-los no interior das práticas de leitura e escrita.

Também não deixamos de lado a questão gramatical, pois o aluno precisava saber qual o tempo verbal mais adequado para contar algo que já aconteceu, por exemplo, quando escrevia os textos que comporiam o livro da turma, ou que recursos de coesão e coerência garantiriam a compreensão dessa história. Isso possibilitou que não só aprendessem as características de cada gênero, mas também que fizessem o uso dos recursos da gramática em situações reais.

Em experiências feitas com uso de computadores para produzir textos, Machado e Azevedo (1990, p. 66) destacam que ele tornou as crianças “mais

sociáveis, criativas, autônomas, desinibidas, confiantes e ativas”. Isso foi constantemente observado no decorrer das três atividades desenvolvidas.

Além disso, uma tarefa que, quando realizada em sala de aula, era muitas vezes considerada monótona pelos alunos – a produção textual – tornou-se mais atraente e mais efetiva quando mediada pela informática. Também o aluno teve a possibilidade de desenvolver um trabalho com mais autonomia e independência, comprovando que a produção de textos mediada pelo computador apresenta vantagem em relação à produção manual, nos cadernos, em sala de aula.

Primeiramente, sabemos que a escrita de um texto sem rasuras no caderno é praticamente impossível e quando se erra, ou se apaga com a borracha, ou se risca por cima, por exemplo. Para o papel não ficar todo rasurado, é preciso que se reescreva o texto muitas vezes e ao se escrever o texto diretamente no computador o aluno pode se dedicar a produção em si, tendo como foco apenas o planejamento e escrita do texto. Além disso, ele não precisa se preocupar em ter de reescrever o trabalho em caso de erro, pois o computador lhe disponibiliza os recursos do editor de textos.

Em segundo lugar, a produção colaborativa, no caso dos trabalhos em questão, foi potencializada pela mediação do computador, pois todos puderam dar a sua contribuição na busca de um trabalho final de qualidade. Se feita em sala de aula, no caderno do aluno, a atividade em equipe poderia gerar conflitos, um deles poderia ocorrer na escolha de quem seria encarregado da escrita ou reescrita do texto; outro, quando um dos componentes quisesse alterar trechos do texto e surgisse a necessidade de passar tudo a limpo.

Em terceiro lugar, o nosso acompanhamento durante o processo, propondo revisões e dando sugestões, evitou a necessidade de ler os trabalhos dos alunos várias vezes. Além disso, essas sugestões não foram vistas pelos alunos como a correção de erros que por ventura eles tivessem cometido e, dessa forma, a noção de certo ou errado deixou de existir e prevaleceu uma relação de parceria entre o aluno e o professor.

Cabe destacar que a socialização dos três trabalhos também serviu de estímulo para a realização das atividades. Tanto a disponibilização da revista com as entrevistas (item 3.2) e as reportagens (item 3.3) para todos os alunos da escola,

quanto a realização da Noite de autógrafos dos livros com os contos (item 3.1) levou os alunos a buscar um produto final com maior qualidade possível.

Por fim, ficou claro, durante o desenvolvimento dos trabalhos, que o uso do computador como mediador na produção de textos possibilitou aos alunos uma maior interação na execução das atividades. Eles desenvolveram noções de parceria, trocaram experiências, desenvolveram a efetividade e o pensamento crítico. Além disso, o seu envolvimento na realização das atividades propostas proporcionou o desenvolvimento de aulas dinâmicas, baseadas numa relação de troca não só entre professor e aluno, mas também entre aluno e aluno, facilitando a construção coletiva dos textos e favorecendo o aprendizado da língua portuguesa na sua modalidade escrita.

Percebemos durante o desenvolvimento das três atividades de produção textual mediadas pela informática que a utilização dessa mídia foi um fator preponderante na adesão dos alunos às propostas. Eles demonstraram um alto grau de envolvimento, o que é extremamente importante para a aprendizagem, já que ela proporciona que a atenção do indivíduo esteja voltada para o que deve aprender.

Conforme destacam os PCN (1997, p. 99)

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessária disponibilidade para o envolvimento do aluno na aprendizagem, empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo, em usar os instrumentos adequados que conhece e dispõe no sentido de alcançar a maior compreensão possível. Este tipo de aprendizagem exige uma ousadia para se auto-colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos, de maneira totalmente diferente da aprendizagem mecânica, na qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais.

Assim, entendemos que a informática, ao mediar as três atividades de produção textual, constituiu-se em uma ferramenta de transformação da prática escolar, principalmente no sentido de se fugir do modo tradicional, buscando novos caminhos para o processo ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, Valente (1993, p. 19) destaca que

As possibilidades de uso do computador como ferramenta educacional crescem e os limites dessa expansão são desconhecidos. Cada dia surge novas maneiras de usar o computador como um recurso para enriquecer e favorecer o processo de aprendizagem. Isso nos mostra que é possível alterar o paradigma educacional; hoje centrado no ensino para algo que seja centrado na aprendizagem.

Obviamente nem tudo foi satisfatório ao longo de desenvolvimento desses trabalhos, houve problemas como a quantidade reduzida de micros no laboratório de informática, o que fez com que alguns alunos precisassem produzir seus textos no papel enquanto outros digitavam; também algumas vezes um dos micros apresentava problemas, ou faltavam materiais como papel e tinta da impressora; a impressão e a “montagem” do livro deram muito trabalho. Por outro lado, também faltava interesse de alguns alunos em participarem das atividades propostas, outros se agitavam, vários queriam a presença da professora ao mesmo tempo.

Com essas três atividades, procuramos mobilizar a atenção dos alunos por meio de estratégias de ensino que ao mesmo tempo os envolvesse e estimulasse o processo cognitivo, considerando-se os conteúdos um meio para desenvolvê-lo, mediados pelo uso do computador, já que, conforme destaca Moraes (2002, p. 38), “é a criança, auxiliada pelo computador, quem constrói as suas estruturas cognitivas.”.

Pudemos perceber, através dessas experiências, que a informática tem um papel fundamental no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e que tanto o computador quanto a Internet, se bem utilizados, com uma proposta pedagógica consciente, certamente podem contribuir, desde que haja a mediação de um ator indispensável, o professor.

Transpor barreiras faz parte de todo tipo de inovação, e com a informática não é diferente. Entretanto, essa tecnologia não será eficiente e de nada adiantará as escolas disponibilizarem laboratórios de informática, se o professor não a vir como um instrumento a ser utilizado em sua prática, buscando inseri-la definitivamente no seu dia a dia. Isso foi aquilo a que nos propusemos quando oferecemos tais atividades a nossos alunos.

Apesar de muitos professores demonstrarem a falta de algumas habilidades tecnológicas, consideramos importante essa oportunidade de contribuir para tornar efetivo o uso da informática na aprendizagem. Por isso, não podemos fugir à necessidade de buscar constantemente atualização nossos conhecimentos, principalmente no que diz respeito às novas tecnologias. Isso por que cabe a nós possibilitar ao aluno o acesso a ferramentas mais modernas, que são importantes para a formação de sujeitos mais críticos e atuantes no meio social em que vivem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível estarmos abertos para novos conhecimentos, para novas posturas, para um novo fazer pedagógico, revendo constantemente nossas estratégias de ensino, nossos objetivos, nossos planejamentos. Nesse sentido, precisamos fazer uso do computador bem como da internet como um meio para atingirmos nossos objetivos educacionais e não como um fim. Essa foi a intenção ao relatarmos as atividades de produção de texto mediadas pela informática apresentadas neste trabalho e podemos dizer que alcançamos nosso objetivo, visto que muitos aspectos observados foram positivos.

Por meio delas, os alunos melhoraram a expressão escrita na medida em que conseguiram produzir textos mais coerentes e coesos, demonstraram um crescimento nas relações interpessoais, através da troca de conhecimentos e experiências. Apresentaram também maior autonomia, iniciativa e autoconfiança, tornando-se sujeitos, agentes principais do seu próprio desenvolvimento.

Além disso, as atividades propostas criaram condições, para que se oferecesse aos alunos a contextualização da aprendizagem e valorização das experiências vividas por eles. Conseguimos certamente aliar a realidade de sala de aula às necessidades do aluno e aos objetivos pedagógicos que nos dispusemos a atingir, mesmo porque o computador por si só não faria com que essas atividades fossem atrativas, mas sim, a metodologia de ensino que utilizamos.

Por isso, o professor assume um papel relevante como articulador, orientador e organizador do processo de aprendizagem e formação dos alunos, sendo parceiro e mediador no trabalho de apropriação do conhecimento, bem como frente às novas tecnologias. Entretanto, tais atividades comprovam que não precisamos ser especialistas em Informática, mas sim que precisamos criar condições para utilizá-la de forma gradativa, buscando analisar as dificuldades e potencialidades de seu uso na nossa prática pedagógica.

Para isso, precisamos construir novas formas de ação, para que possamos não só lidar com essa nova realidade, mas também construí-la a cada dia. Conseguiremos isso indo ao laboratório de informática, testando, errando e aprendendo com nossos erros e, principalmente, tendo consciência de que, nós, professores, somos uma peça importante nesse processo.

Foi o que procuramos fazer, quando propusemos as atividades aqui relatadas, buscamos selecionar a melhor utilização da tecnologia a ser explorada para o desenvolvimento de um determinado conteúdo, no caso, a aprendizagem do gênero narrativo. Com isso, procuramos contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, por meio de uma renovação de nossa prática pedagógica e da transformação do aluno em sujeito ativo na construção do seu conhecimento, ao viabilizar sua inserção nessa nova sociedade mediada pela tecnologia.

No entanto, esses trabalhos não têm a intenção de constituírem receitas de utilização desse recurso disponível na maioria das escolas públicas e privadas. Apenas pretendemos é apontar possibilidades a partir de experiências práticas que possam colaborar para a apropriação das novas tecnologias como instrumentos de transformação da realidade educacional.

Esperamos que esses exemplos provoquem novas ideias e iniciativas, até porque sabemos que não é apenas a informática que levará a uma mudança na educação, mas ela certamente é capaz de provocar mudanças, uma vez que nos leva a refletir, principalmente, no que diz respeito às nossas práticas docentes.

É preciso lembrar sempre que a informática é um elemento diferencial para o indivíduo fazer parte de uma sociedade cada vez mais tecnologizada. Não oferecer essa oportunidade ao aluno é deixá-lo alienado do mundo conectado.

Enfim, a inserção da informática no contexto escolar antes de qualquer coisa deve apontar para a necessidade de novas formas de ensinar. Precisamos, como professores, buscar soluções em nosso cotidiano, testar hipóteses e estarmos constantemente nos atualizando.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos** / coordenação de Herbert Borges Paes de Barros e Simone Ambros Pereira; colaboração de Luciana dos Reis Mendes Amorim [et al.]. — Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, 2003. Disponível em: < <http://lpp-uerj.net/olped/documentos/1598.pdf> > Acesso em: 10 mai. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC / SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Um computador por aluno: a experiência brasileira**, Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2008.

CAMPEDELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. **Produção de textos e usos da linguagem: curso de redação**. São Paulo: Saraiva, 1998.

CANAU, V.M. Tecnologia Educacional e Autoritarismo, **Tecnologia Educacional**. n. 71/72, Jul/Out - 1989.

DEMO, P. **Formação de formadores básicos**. Em Aberto. Brasília, v. 11, n. 54, abr./jun. 1992.

DIZARD, W. **A Nova Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DODGE, B. **WebQuests: A Technique for Internet – Based Learning**. The Distance Educator, v.1, n. 2, San Diego, 1995.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA (FVC). **O uso dos computadores e da internet nas escolas públicas de capitais brasileiras**. 2009. ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/estudo-computador-internet.pdf>> Acesso em: 02 dez. 2010.

GARCIA, M. de F.; ABREU, J. V. V. d'. As armadilhas do uso acrítico das mídias. In: **Anais do 16 Cole**. Unicamp. Campinas, SP. 10 a 13 de julho de 2007. Disponível em: < http://www.alb.com.br/anais16/sem14pdf/sm14ss05_01.pdf > Acesso em: 02 mai. 2009.

GONÇALVES, R. M. O uso de blogs nas aulas de Língua Inglesa. **Revista EntreLetras**. Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT, n. 1, 2010.

MOURA, A.; CARVALHO, A. A. A. Podcast: Potencialidades na Educação. **Revista Prisma.com**, n. 3, outubro 2006. Disponível em: < http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n3_outubro_de_2006/podcast_potencialidades_na_edu.html> Acesso em: 02 mai. 2011.

MACHADO, M. A. G.; AZEVEDO, T. O. O computador e o desenvolvimento da Língua Falada. In: **Atas do Seminário: O computador no ensino/aprendizagem de língua**. GEP/ME. Lisboa, março, 1990.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

MORAES, M. C. **Paradigma educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.

MORAES, R. de A. Informática na Educação. In: _____. **O que você precisa saber sobre**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORAN, J.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

TAJRA, S. F. **Informática na educação**: Novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade. São Paulo: Ed. Érica, 2000.

VALENTE, J. A. **Diferentes usos do Computador na Educação**. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1993. Disponível em: <<http://www.nied.unicamp.br/publicacoes/separatas/Sep1.pdf>> Acesso em: 27 dez. 2010.

_____. Formação de profissionais na Área de Informática em Educação. In: VALENTE, J. A. (org.). **Computadores e conhecimento: repensando a Educação**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2. ed., 1998.

VEIGA, M. S.. Computador e Educação? Uma ótima combinação. In: BELLO, J. L. de P. **Pedagogia em Foco**, Petrópolis, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/inedu01.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2010.